

ATENCIOSAMENTE: A DIFERENÇA E O IMPACTO DE UM DIAGNÓSTICO TARDIO DE AUTISMO

ISSN: 2764-5622

Vol. 4 | Nº. 1 | Ano 2023

Júlia Gomes Reis

*Universidade Federal
da Bahia*

jujugreis21@gmail.com

RESUMO

O presente texto busca abordar minha perspectiva pessoal como autista acerca de crescer sem um diagnóstico, as dificuldades encontradas nesse percurso e as mudanças sentidas após uma avaliação profissional da questão. Para tanto, explico que ao longo dos anos pude perceber a falta de encontrar pessoas como eu e como isso me afetou, mas, antes de descobrir o Transtorno do Espectro Autista (TEA) aos 18 anos, sequer sabia o motivo de me sentir diferente. Sendo assim, escrevo com o objetivo de resgatar algumas vivências que tive da infância ao início da fase adulta para responder qual a diferença e o impacto de um diagnóstico tardio de autismo na vida de uma pessoa. Acredito que esse seja um tema importante a ser desenvolvido pois ainda existe para muitas pessoas uma conotação negativa ao redor do autismo que, a meu ver, não reflete a realidade. Dessa forma, utilizo um relato autobiográfico somado a uma pesquisa bibliográfica para explorar o tema em questão. Por fim, esclareço que o texto não busca estabelecer minha história como uma regra, afinal, cada indivíduo autista é único e não acredito que seja possível padronizar nossas experiências para além dos critérios diagnósticos.

Palavras-chave: autismo; diagnóstico tardio; diferença; autobiográfico.

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com

www.institutoneurodiversidade.com

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

Revisão

Filipe Russo

Júlia Gomes Reis

*Universidade Federal
da Bahia*

jujugreis21@gmail.com

KIND REGARDS: THE DIFFERENCE AND IMPACT OF A LATE AUTISM DIAGNOSIS

ABSTRACT

The present text seeks to address my personal perspective as an autistic regarding growing up without a diagnosis, the difficulties encountered along the way and the changes felt after a professional evaluation of the matter. For this purpose, I state that over the years I was able to notice the lack of finding people like me and how it affected me, but, before finding out the Autism Spectrum Disorder (ASD) by the age of 18, I didn't even know the reason why I felt different. Therefore, I write aiming to rescue some experiences I had from childhood to the beginning of the adult life to answer what is the difference and impact of a late autism diagnosis in the life of a person. I believe this is an important theme to be elaborated because there is still for a lot of people a negative connotation around autism that, from my point of view, doesn't reflect reality. So, I utilize an autobiographical account in addition to bibliographical research to explore the subject in question. Finally, I clarify that the text doesn't seek to stablish my story as a rule, after all, each autistic individual is unique and I don't believe it is possible to standardize our experiences beyond the diagnosis criteria.

Keywords: Neurodiversity; Talent; High Abilities or Giftedness; ASD; ADHD.

1 INTRODUÇÃO

No meu primeiro semestre da faculdade precisei apresentar um texto que contasse um pouco da minha trajetória até aquele momento, centrado em algum tema que pudesse prover a mim um crescimento em forma de emancipação e cura. Acabei escolhendo abordar um pouco do processo pelo qual havia acabado de passar: minha busca por um diagnóstico de autismo. Essa atividade, contudo, não foi uma tarefa fácil. Havia muitas questões acerca das quais eu não tinha conhecimento, que ainda estava por aprender, além de que não pude prever a reação das professoras ou dos outros estudantes. No entanto, não me arrependo da minha decisão temática pois este exercício foi fundamental para entender um pouco mais sobre mim em todos os sentidos. Precisei escrever para compreender quem eu fui e quem queria ser daquele ponto em diante. Agora, ponho-me de volta nesta situação ao redigir este relato na esperança de contribuir com estudos sobre neurodiversidade e amparar pessoas que se encontrem na mesma situação que eu estive e estou: buscando respostas para perguntas que não se calam e um pouco de representatividade de alguém que tenha passado por situações similares.

Sendo assim, naquele momento de aula, eu escolhi ser vulnerável. Decidi retirar um pedaço da minha máscara e expor a meus colegas e minhas professoras uma parte de mim que vinha se escondendo há tanto tempo. Abordei o bullying que sofri no ensino fundamental, falas preconceituosas que ouvi logo que comecei a suspeitar de ser autista e as dificuldades de ser uma pessoa neurodivergente em um ambiente universitário. Como consequência desse ato, ouvi respostas que eu não esperava, de um ponto de vista negativo, mas também presenciei um acolhimento no semestre seguinte que me surpreendeu positivamente, então acredito que fiz o certo ao abordar um tema importante como esse.

Dessa forma, o Transtorno do Espectro Autista, como caracterizado pela 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, é um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta dificuldades em relação a interação e comunicação sociais em contextos diversos, além de padrões de comportamento, interesse e atividades considerados restritos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2014). Assim, como expliquei a meus pares, não se trata de uma doença, mas uma diferença neurológica que merece respeito e acolhimento. No entanto, o cenário que o sustenta não foi sempre assim, isto é, ele tem mudado ao longo dos anos acompanhando o avanço de diversas pesquisas, porém muitas pessoas ainda mantêm ideias ultrapassadas acerca de sua constituição. Esse fato dificulta a identificação do autismo sob algumas circunstâncias, o que constituiu o meu caso, no qual a iniciativa para buscar um diagnóstico partiu de mim apenas aos 17 anos.

Diante disso, percebo enfim o motivo de diversas dificuldades pelas quais passei ao longo da vida e retomo-as com o objetivo de entender a importância de reconhecer o TEA em indivíduos que se enquadram em sua descrição. Mesmo que tardiamente e apesar de não estar livre de pontos negativos, ter descoberto ser autista contribui em variadas áreas para mim. Nesse sentido, em vista de minha experiência crescendo sem esse conhecimento, trato de alguns acontecimentos que experienciei e as mudanças que senti após encontrar essa resposta.

2 METODOLOGIA

Como recurso de metodologia, utilizo, em especial, um relato de experiência pessoal pautado em lembranças minhas e de meus pais acerca da minha trajetória de vida. Em adição, resgato alguns textos em uma pesquisa bibliográfica para sustentar minhas falas. Com isso, busco estabelecer o impacto gerado pelo diagnóstico tardio de Transtorno do Espectro Autista.

3 INFÂNCIA

Quando perguntei a meus pais como eu era quando mais nova, a primeira resposta que obtive foi “alegre”. Em seguida, ouvi que eu brincava bastante com as outras crianças, era destemida, ativa, concentrada, que conversava mais com as pessoas, entre outros adjetivos. Essas afirmações levaram-me a tirar algumas conclusões.

Primeiramente, foram todas respostas válidas, mas meus pais deram mais foco às que diziam respeito a como eu era interagindo com outras pessoas, o que me incomodou um pouco. Penso, será que esse é um critério tão relevante de medida? Se sim, teria eu, uma pessoa autista com hábitos atípicos de interação, sido avaliada a vida toda através dessa norma? Isto é, sempre fui a criança tímida e introvertida, que não via problema em, no meio da brincadeira, se afastar de todo mundo para fazer seu próprio faz de conta por um tempo. Imagino, então, que isso explique uma série de atitudes que as pessoas começaram a ter em relação a mim com o passar do tempo. A exemplo, com cerca de 9 anos, uma parte das minhas colegas da escola, com quem eu estudei desde muito pequena, começaram a me tratar diferente e me excluir de brincadeiras e aniversários. Elas criaram, inclusive, um código secreto, cuja chave não me deram, para conversar sobre as outras pessoas e faziam questão de usar sempre que eu estava por perto. Foi nesse período que o ambiente escolar começou a tornar-se doloroso.

Em segundo lugar, consigo perceber nesse momento da infância alguns comportamentos que poderiam indicar o autismo, mas que passaram despercebidos. Quando meu pai diz que eu era muito concentrada, a ponto de esquecer necessidades básicas, imediatamente penso em hiperfocos. Também possuía como característica uma certa seletividade alimentar, que me fez inclusive fixar na parede da cozinha um calendário com o que eu iria comer no café da manhã em cada dia da semana (sempre cereal, com bebidas intercaladas). Ademais, minhas brincadeiras, mesmo com as outras pessoas, tinham roteiros pré-definidos que eu sempre seguia; apresentava dificuldades com mudanças na rotina e ambientes com muitos estímulos sensoriais; demonstrava movimentos repetitivos que logo aprendi a esconder; tinha crises em dias de faxina por ver minhas coisas fora do lugar. No entanto, a única coisa que parece ter chamado a atenção nesse tempo foi a dificuldade para me comunicar, que começou a ficar mais evidente a partir dos 5 anos, mas foi apenas considerada introversão e um jeito tímido de agir.

Nesse sentido, enxergo, figurativamente, uma grande máscara que foi alocada por uma criança entre ela e o mundo ao seu redor quando começou a perceber-se diferente. Lembro claramente de, com o tempo, aprender a esconder minhas dificuldades e comportamentos peculiares atrás de portas e sorrisos que nada indicavam. Esses fatores obviamente contribuíram para o atraso no diagnóstico de autismo, mas não é realmente possível culpar alguém por isso, afinal, eu fazia um excelente trabalho ao me esconder.

De acordo com Freitas (2022, p. 11), citando Costa (2020), Reinardy (2022) e Vasconcelos (2022), o chamado masking – mascaramento de traços autistas – possui consequências sérias em relação à saúde mental, como o desenvolvimento de quadros depressivos e ansiosos, mas também ao senso de identidade, que pode acabar sendo perdido. Isso significa que, para quem tem essa prática constantemente durante anos, os prejuízos são enormes e ocasionados em nome de se sentir parte de uma sociedade que não tem interesse em acolher o indivíduo em questão. Em síntese, as máscaras são utilizadas para promover uma solução temporária que, a longo prazo, possui consequências graves.

Por fim, ouvi dos meus pais com bastante ênfase que eu era alegre, o que me faz acreditar que, com o tempo, minha atitude mudou drasticamente. A partir disso, elaboro uma imagem da minha versão infantil como uma criança que tinha dificuldades, principalmente sociais, significativas que, à medida que deixaram de ser amparadas, foram ficando mais evidentes para a percepção própria. Consequentemente, o esforço para esconder essas características que destoavam dos outros também foi ficando cada vez maior, o que causava um certo desgaste físico e mental.

Assim, ponho-me a pensar como teria sido diferente ter um diagnóstico desde a infância e quantos momentos ruins poderiam ter sido evitados com esse conhecimento a mais. Talvez eu não tivesse me isolado tanto ou sentido tanta culpa por não conseguir agir como meus colegas. Ou, então, talvez entendesse melhor meus limites em diversos quesitos e pudesse impô-los para receber respeito. Com isso, faço também um questionamento de como era a cena do autismo 10 ou 15 anos atrás para claros comportamentos de TEA terem passado despercebidos ou sido considerados um “jeitinho de menina”.

4 ADOLESCÊNCIA

Ao abordar minha vida entre as idades de 12 e 17 anos, não posso deixar de mencionar alguns pontos chave que ficaram gravados em mim. Ainda durante o Ensino Fundamental II, vi metade das poucas amigas de quem eu era realmente próxima saírem da escola em que estudávamos, o que acabou agravando os sentimentos de solidão que me rodeavam. Nesse período, sofri bastante com trabalhos em grupo, por exemplo, pois ninguém me chamava na hora da divisão, afinal, as “panelinhas” já estavam definidas. Éramos, então, sempre as mesmas pessoas sobrando no final sem um grupo e, dentro disso, a maior parte da execução da atividade ficava para mim. No entanto, minhas notas continuavam boas e para os professores existia a ilusão de que eu me dava bem com as pessoas da turma porque eu ainda ficava perto delas, apesar de não estar incluída, portanto nada nunca foi feito a respeito.

Como expressão dessas dificuldades em manter um bom relacionamento com meus colegas, no oitavo ano, um dos garotos da turma fez questão de dizer, ou melhor, gritar que eu não era parte do grupo. Quando eu chegava perto dele, precisava ouvir frases como “ninguém gosta de você”, “você não tem amigos”, “vai embora”. Para falar a verdade, eu já pensava tudo isso sozinha, mas quando ousei compartilhar minhas inseguranças, fui chamada de mimada e ouvi dizerem que estava inventando tudo para chamar a atenção. Sendo assim, quando esse menino resolveu divulgar em alto e bom som essas informações, ele apenas confirmou o que eu já suspeitava e isso, sim, me machucou.

No Ensino Médio, porém, acabei mudando de cidade, o que já seria muito difícil em si, mas o que mais me preocupou foi o medo de tudo que aconteceu na minha antiga escola repetir-se. Dessa forma, no primeiro ano, consegui fazer alguns amigos, o que me deixou muito feliz, contudo, não anulou o deslocamento que experienciava em relação às outras pessoas, de forma que, logo depois, senti que estavam se afastando de mim e acabei entrando em um processo depressivo e me isolando. Na minha cabeça, era muito fácil para os outros enjoar de mim e encontrar alguém mais interessante

para passar o tempo, o que parecia acontecer em um ciclo sem fim na minha vida. É nisso, então, que vejo as consequências da falta de um diagnóstico de autismo e me pergunto: será que se eu soubesse o motivo de não me enxergar em meio a meus pares, minhas vivências teriam sido diferentes? Ademais, se eu tivesse sido estimulada a desenvolver melhor minhas habilidades, eu teria passado por tantas dificuldades?

Infelizmente, esses questionamentos não poderão ter uma resposta precisa, mas eu acredito que alguma diferença positiva teria existido caso o autismo tivesse sido identificado precocemente. Vejo, hoje em dia, quando compartilho meu diagnóstico com algumas pessoas, que o fator de se identificar com um grupo, ou, mais especificamente, a falta dele, não é tão considerado quanto deveria. Essa carência de pessoas que compartilhassem experiências similares às minhas me afetou e ainda afeta significativamente, afinal, o sentimento de solidão é muito poderoso. Com isso, penso que ter construído redes de apoio nessa época teria sido imprescindível para uma convivência adequada com amizades, além de poder gerar um olhar mais gentil e solícito das pessoas e meu em relação a mim.

5 DIAGNÓSTICO

Após todos esses acontecimentos que descrevi, passei a questionar muito se havia algo em mim que me tornasse tão diferente e pudesse explicar minhas dificuldades. Pus-me, então, a pesquisar incessantemente uma resposta para meu comportamento e foi nesse momento que encontrei algumas pessoas autistas na internet falando sobre suas experiências estando no espectro, o que fez eu me sentir como se uma luz tivesse acendido dentro de mim.

Sendo assim, entre textos e mais textos sobre como era ser TEA, eu fui cada vez mais enxergando-me naquelas palavras que eu não poderia chamar de nada exceto acolhedoras. Em determinado momento, a emoção de encontrar tal familiaridade foi tanta que não consegui me controlar e comecei a chorar. No entanto, ao contrário do que muitos pensariam, essas não eram lágrimas de tristeza, na verdade, eu não poderia estar mais feliz naquele momento.

O autismo para muitos parentes, por exemplo, chega como uma sentença ou um mal que precisa ser combatido, mas, a meu ver, pensar dessa maneira não colabora com a pessoa que recebeu o diagnóstico, sendo ele tardio ou não. O TEA não é algo ruim ou que precisa ser consertado, no meu caso, encaro ele como uma particularidade intrínseca a mim, uma parte de quem sou.

A partir disso, comecei a buscar um diagnóstico profissional aos 17 anos, o que não ocorreu de um dia para o outro. Após o tempo procurando psiquiatras e neuropsicólogas, fazendo testes e

recebendo questões sobre minha vida, obtive um relatório inicial confirmando minhas suspeitas aos 18 anos, porém apenas me designaram um CID mais de um ano após isso. Nesse período de espera, precisei lidar com capacitismo de diversas pessoas enquanto minha ansiedade somente era acolhida por cada vez mais pesquisa. Ainda assim, não pude deixar de sorrir ao escutar que, de fato, eu era autista.

Para mais, descobrir esse diagnóstico trouxe benefícios a minha vida que merecem ser mencionados para quem está percorrendo ou já percorreu um caminho similar ao meu. Primeiramente, então, preciso falar sobre respeito próprio, isto é, saber que sou autista contribuiu para que eu pudesse estabelecer meus limites e não os cruzar, ou não deixar outras pessoas cruzarem. A exemplo disso, posso citar uma adaptação acadêmica que recebi de uma professora que possibilitou a entrega um texto em substituição à participação em um debate que seria feito através de sorteio e cujo tempo para preparação foi curto. Essa dinâmica, da maneira proposta inicialmente, estava confusa para mim, gerando bastante estresse e não seria benéfica em termos de absorção do conteúdo, então, ao invés de receber um prejuízo tanto em nota quanto em conhecimento obtido, pude respeitar a mim ao mesmo tempo que fui respeitada pelos outros. Dessa maneira, um pequeno ato configurou uma grande evolução em meu caminho na universidade e em minha própria vida.

Ademais, uma mudança significativa ocorreu em minha percepção de pertencimento. Pela maior parte dos anos, senti falta de encontrar pessoas com quem eu pudesse me relacionar que fossem parecidas comigo em algum quesito. Mesmo tendo encontrado algumas que tivessem os mesmos interesses que eu e com quem eu, minimamente, conseguisse me relacionar, ainda existia uma sensação de não-pertencimento que me seguia em todos os ambientes. De acordo com Jesus (2012, p. 169), identificar-se com um grupo possui relação com “aspectos afetivo-atitudeis”, o que envolve enxergar-se como parte dele ou como o “outro”, baseando-se na teoria da identidade social proposta por Henri Tajfel. Sendo assim, essa identificação está relacionada ao grupo ao qual o indivíduo enxerga-se pertencente e a comparação social (Ferreira, 2010, p. 57) entre esse que está dentro, endo, e o que está fora, exo. Nesse sentido, após descobrir que eu me encontrava no espectro, acontecimentos mínimos – como assistir um vídeo de uma pessoa autista falando sobre sua experiência ou ler um pequeno comentário sobre o TEA na internet – começaram a trazer um conforto para mim. Com base nisso, apenas pela consciência de que eu não estava só e, na verdade, outras pessoas passando por situações semelhantes às minhas existiam, eu pude notar um crescimento em minha autoestima, o que significou muito considerando o período depressivo pelo qual eu passava.

Por fim, outro impacto do diagnóstico veio em um pequeno fato que pode parecer óbvio, mas é muito fácil de ser esquecido pela pessoa que está passando pelo processo. Desde que recebi a

confirmação de minhas suspeitas, algo que pode ser notado por qualquer pessoa a meu redor é que eu evolui em eventos com os quais apresentava dificuldades, ou seja, situações que antes seriam impossíveis de enxergar-me enfrentando, hoje consigo dar passos a favor. Isso, no entanto, não significa que essas ocorrências se tornaram fáceis, mas que, com ajuda de uma terapia voltada para o meu caso, agora esclarecido, eu pude desenvolver habilidades para alcançar novas conquistas. Dessa maneira, houve uma clara melhoria em meu estado de saúde mental, condições de independência e relações com as outras pessoas.

Contudo, é apropriado mencionar um importante ponto negativo que se fez visível a partir do diagnóstico: o capacitismo. Ele já estava presente muito antes de eu sequer entendê-lo, porém, com meu posicionamento aberto em relação ao autismo, suas faces tronaram-se escancaradas em meu cotidiano. Esse tipo preconceito, caracterizado por ser direcionado a pessoas com deficiência, categoria na qual o TEA encaixa-se, aparece em diversos formatos. Seja em frases óbvias como “você não é autista, você é normal” ou em pequenas ações como infantilizar os indivíduos, o capacitismo é extremamente exaustivo e prejudicial. Em uma sociedade que vê apenas um tipo de cérebro como padrão e correto, a capacidade de exclusão do capacitismo é enorme, logo não é possível taxar como erradas as pessoas que escolhem não perseguir um diagnóstico, ou que o têm e não divulgam. Assim, esse não é um caminho fácil e muito menos completamente positivo, o que me coloca em uma posição de frisar que o relatado aqui é apenas a minha experiência e não deve ser levado como regra absoluta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, concluo retomando a questão motivadora do texto e trazendo um pouco da minha perspectiva para o futuro. Sendo assim, o Transtorno do Espectro Autista ainda possui uma grande carga negativa ao seu redor que não está de todo em acordo com a realidade de muitos indivíduos que correspondem a ele. Receber o diagnóstico ou, antes mesmo disso, começar a enxergar-se nele não é uma sentença de morte, como muitos gostam de encarar, mas uma possibilidade de abertura para adaptações necessárias. Além disso, em muitos casos, trata-se de autoconhecimento e evolução pessoal através desse, o que não contribui apenas em fatores comportamentais (atitudes em determinadas situações), mas também afetivos, isto é, olhar para si com mais carinho. Assim, é possível resumir os pontos principais do texto em alguns tópicos:

- 1) Crescer sem um diagnóstico de autismo não apaga as dificuldades advindas dele, mas torna o caminho mais confuso e traz novos desafios pela falta de medidas acessíveis. Quando todas as pessoas acham que você é alguém neurotípico, mas te tratam como estando à parte, te excluindo e

fazendo questão de mostrar que, por algum motivo, você não é como elas, surgem estratégias de compensação que não são realmente saudáveis. Conseqüentemente, passa-se uma vida sendo mensurado por expectativas irreais, o que pode ocasionar diversos problemas relacionados à saúde mental e física.

2) Não saber que se está no espectro do autismo pode gerar diversos pensamentos autodestrutivos, enquanto a falta de companhias com experiências similares, em quaisquer que sejam as situações, pode tornar-se um agravante dessa condição. Quando não é do desejo do indivíduo ficar só, mas essa acaba sendo um cenário imposto a ele pela sociedade, é muito fácil desenvolver ideias erradas sobre si – de culpa e desvalorização – de forma extremamente prejudicial. Dessa maneira, muitas pessoas passam por desafios complexos que poderiam ser facilmente evitados com um pouco de compreensão por parte de quem está ao seu redor.

3) A diferença e o impacto de meu diagnóstico tardio de autismo deram-se principalmente nos campos inter e intrapessoal, trazendo as palavras certas para pedir adaptações diversas, além de autoaceitação. Mesmo essa sendo uma experiência particular minha, pois cada pessoa autista é diferente, acredito que seja similar à de muitos outros e que contá-la possa trazer algum conforto ou sentimento de leveza para alguém assim como trouxe a mim. Os principais pontos que consigo identificar hoje em dia estão relacionados a me respeitar e exigir que os outros também me respeitem em minhas particularidades. Além disso, também é de descomplicada percepção a evolução através de terapias voltadas às expressões do TEA e a importância de me sentir, enfim, pertencente à sociedade. Portanto, apesar das dificuldades que o acompanham, digo que receber esse conhecimento sobre quem sou foi algo de caráter extremamente positivo.

Para finalizar, esclareço o que espero para meu futuro com base no diagnóstico e nas experiências que tive até o momento, em consonância com os motivos pelos quais acredito ser esse um tema de suma relevância. Como já expressei, apresentei ao longo da vida dificuldades variadas e comportamentos que fugiam das normas impostas, assim como outras pessoas autistas, então acredito que um texto como esse possa amparar alguns desses indivíduos e validar suas experiências, algo do qual senti falta enquanto crescia. Sendo assim, presumo que há um horizonte para mim com possibilidades de continuar essa jornada de autoconhecimento e evolução pessoal, que não sei se terá um fim, mas que julgo ser viável para outros autistas também. Em síntese, o TEA é diverso, mas o apoio entre os membros de sua comunidade é imprescindível para um futuro mais acolhedor.

REFERÊNCIAS

- Ferreira, M. C. (2010). A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(n. especial), 51-64.
- Freitas, I. J. (2022). Características da entrada e permanência de mulheres autistas na faculdade de educação: práticas pedagógicas para autenticidade e visibilidade. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, Brasil.
- Jesus, J. G. (2012). Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 163-186.
- American Psychiatric Association. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 [recurso eletrônico]. (5. ed). Porto Alegre, RS: Artmed

Júlia Gomes Reis

Estudante de graduação em Serviço Social pelo Instituto de Psicologia (IPS) da Universidade Federal da Bahia.

Recebido em 31 de março de 2023

Aceito em 01 de setembro de 2023

Publicado em 03 de dezembro de 2023

Como citar esse artigo:

Reis, J. G. (2023). Atenciosamente: a diferença e o impacto de um diagnóstico tardio de Autismo. *Revista Neurodiversidade*, 4(1), 1-11.